

Estes índios de Roraima estão vivendo um momento decisivo em sua história

WAI-WAI

O choque do moderno

Reportagem de Philippe Guinet
Fotos de Philippe Guinet e David Presas

UMA equipe de documentaristas franceses passou recentemente dois meses entre os índios Wai-Wai, na aldeia Caxmi, situada às margens do rio Novo, no território de Roraima. Apoiados pela Funai, os cineastas puderam documentar as profundas e rápidas transformações provocadas pela atividade dos missionários evangélicos na vida daquela tribo. E foram também testemunhas das verdadeiras *agressões* de alguns exploradores brancos que invadem as terras dos índios em busca de castanha. Baseado neste documentário, o antropólogo Célio Horst, da Funai, conseguiu que as autoridades federais garantissem proteção federal à reserva dos Wai-Wai.



Enquanto o índio Uruchá, batizado pelos evangélicos com o nome de Luís, maneja sorridente uma câmara, os repórteres filmam a fabricação de uma canoa de tronco de carvalho.

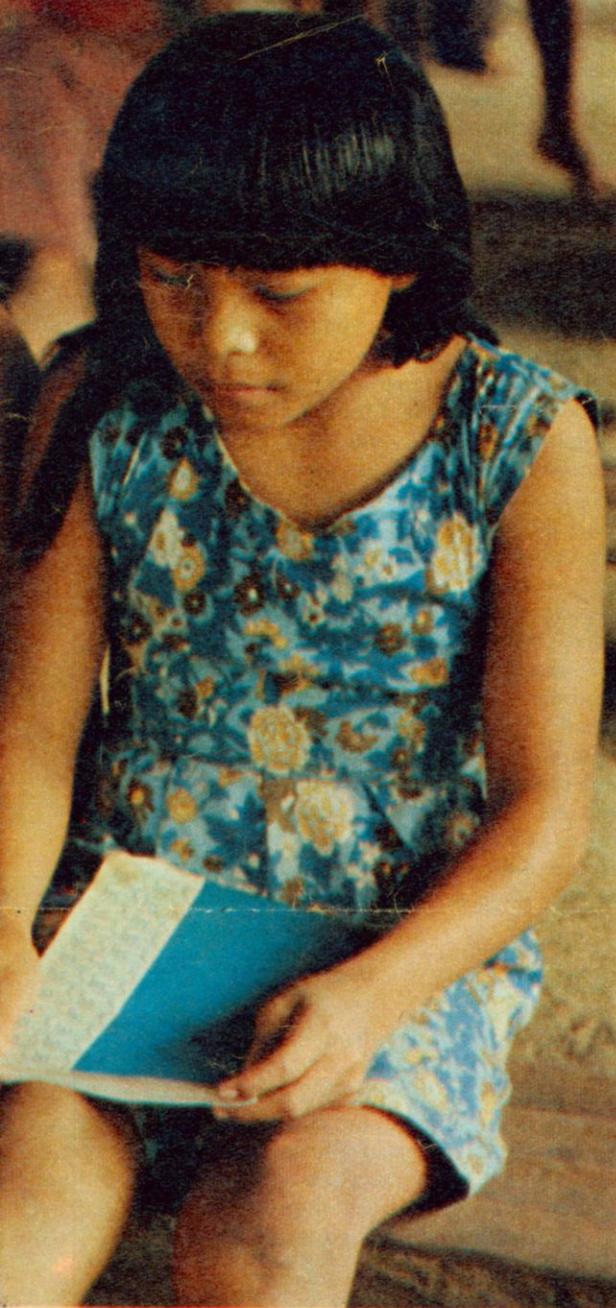






As índias aprenderam as orações da Bíblia traduzidas em sua língua pelas missionárias e as rezam em reuniões coletivas (acima). Abaixo, grupo Wai-Wai





partindo para uma caçada vestido como brancos.

Para os Wai-Wai o difícil é preservar as tradições culturais da tribo

A missão alterou substancialmente as velhas tradições e o modo de vida dos Wai-Wai. Eles que antes andavam nus pela floresta, respeitando um ritual animista, marcado por mudanças de estações, adotam agora novos hábitos em nome da obediência à Bíblia: consideram a nudez um pecado, renunciaram aos ritos ditos *pagãos*, recalçaram o medo ancestral do espírito do tatu e do porco-do-mato e vivem num regime de evidente confusão. As roupas não lhes convêm, as novas crenças não apagam totalmente as antigas, embora sejam obrigados a reconhecer nos missionários seus únicos protetores *desinteressados* — em quem podem confiar.

SEGUE



Apesar das roupas civilizadas, as índias continuam usando nos cabelos os adornos tradicionais de penas brancas.

O uso do anzol e do fuzil não modificou o comportamento ecológico dos Wai-Wai

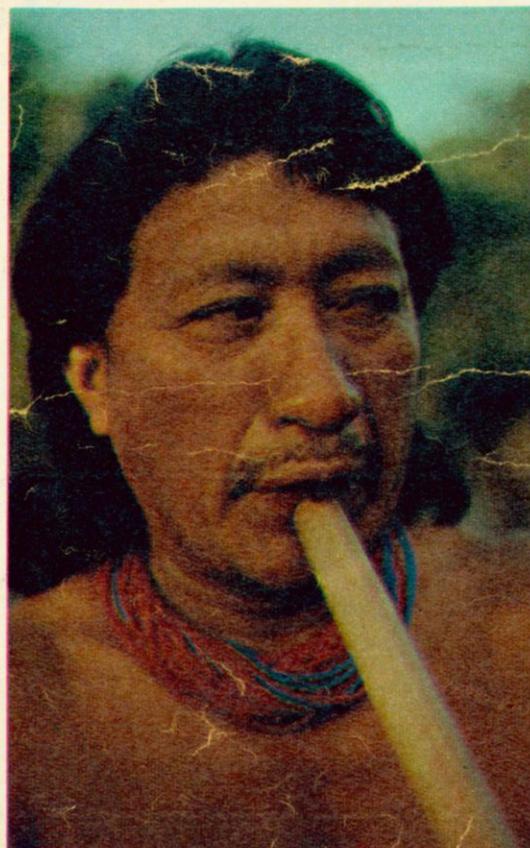
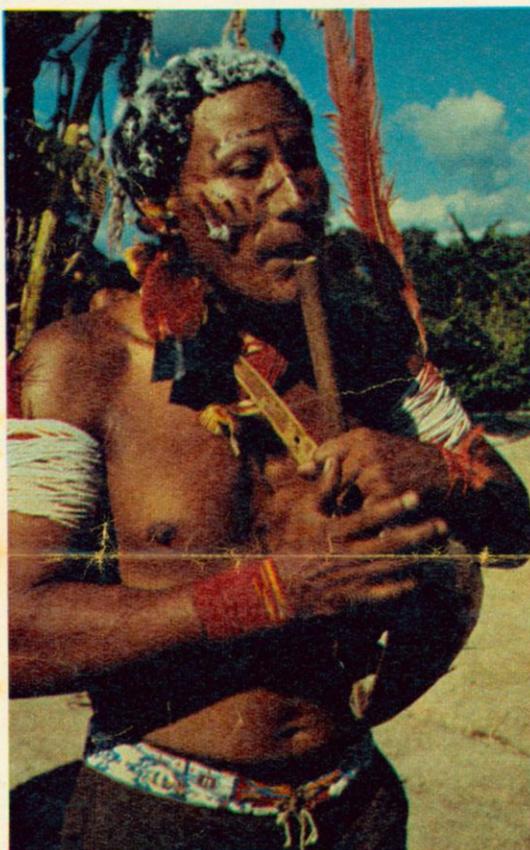
ABR 174, que liga Manaus à cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima, atravessa a reserva dos índios Atroari-Waimiri que tiveram de se embrenhar mais a fundo na floresta para fugir dos brancos. Nossa meta era a aldeia Caxmi, onde vivem os índios da tribo Wai-Wai. À altura do quilômetro 500 da BR 174, chegamos a uma espécie de cais rústico, à margem do rio Anauá, onde uma equipe de caboclos duros descarregava uma partida de castanha. Um barco enviado pelo antropólogo da Funai, Célio Horst, estava à nossa espera. Pequena decepção. O índio que seria nosso guia, "Uruchá", mais conhecido como "Luís", usava uma calça nova e um bonezinho verde-amarelo da última Copa do Mundo de futebol. Em Brasília nos haviam garantido que os Wai-Wai continuavam vivendo no estilo primitivo de seus ancestrais. Subimos lentamente o rio Anauá, evitando as cachoeiras mais importantes. Para tanto, tínhamos que escolher trechos muito estreitos, abrindo passagem a facão e machado no cipoal das margens. Luís conhece muito bem o rio e acaba escolhendo um bom abrigo para pernoitar. Com algumas estacas e folhas gigantes, construímos um abrigo seguro para nos proteger da chuva torrencial. Ao cair da noite, a floresta parecia enlouquecida por todos os tipos de urros, cantos de pássaros e gritos de animais diferentes. Um bando de enormes macacos caminha rapidamente em nossa direção. Mas Luís garante que não há o menor perigo.

No dia seguinte, por volta das 12 horas, avistamos um velho índio preparando um churrasco de macacos, produtos da caça matinal. Sem trocar nenhuma palavra, fazemos sinais de amizade. O velho índio coloca os macacos assados numas cestas trançadas, apaga o fogo, recolhe o fuzil e amarra seu barco ao nosso, continuando a subida do rio. Finalmente avistamos a tribo dos Wai-Wai à beira do rio. As mulheres estão vestidas de roupas curtas, de uma monótona tonalidade vermelho e azul, enquanto os homens usam pequenas penas brancas para enfeitar os cabelos.

Célio, o antropólogo, nos instala na maloca onde devemos ficar durante todo o tempo da filmagem. Os índios nos acompanham com grandes sorrisos. Todas as malocas são erguidas em torno de um semicírculo que se fecha à frente de uma cabana maior: é a escola. Uma mulher branca está ministrando um curso de alfabetização às crianças índias. À nossa chegada, os indiozinhos desviam sua atenção do quadro-negro e nos observam com curiosida-

de, enquanto a missionária, imperturbável, continua sua lição. A um sinal da senhora séria, as crianças inclinam a cabeça e repetem, na língua *Karibe*, as palavras da oração que ela acaba de proferir. É nesta maloca maior que a aldeia inteira se reúne duas vezes por semana para a celebração do culto evangélico.

O antropólogo nos explica que os Wai-Wai são descendentes de cinco troncos indígenas diferentes: Excariene, Chereou, Kaponema, Maouayana, Taruman e os Phrikoto. Após uma das últimas guerras entre as tribos, as mulheres e crianças dos Wai-Wai foram raptadas e os sobreviventes tiveram de se deslocar até às margens do rio Mapueira, onde até hoje sobrevive o restante desse grupo étnico. Por



ocasião de um ataque de garimpeiros brancos, os índios se refugiaram na fronteira entre o Brasil e a Guiana inglesa onde entraram em contato com missionários americanos. Este primeiro encontro data de 1955. Nesta ocasião, houve um incidente que determinaria o sucesso da evangelização: os índios só dispunham para comer de carne do porco do mato. Mas seu ritual os proibia de consumir tal carne naquela época do ano porque, caso contrário, seriam possuídos pelo espírito do animal. O chefe dos missionários chamou o pajé e estabeleceu um pacto com ele: se os índios comessem porco do mato e nada lhes acontecesse seria a prova de que o deus dos brancos era mais forte do que o deus da tribo. Como nada ocorreu de extraordinário, os Wai-Wai se converteram todos à religião evangélica. Os missionários já haviam traduzido a Bíblia para a língua *karibe*... Aos poucos, todas as práticas religiosas puramente indígenas foram abolidas, a monogamia rígida e o matrimônio indissolúvel substituíram os critérios ancestrais de casamentos e determinação de parentesco, e os Wai-Wai foram obrigados a usar roupas, tomando consciência da *vergonha da nudez*, tal como aconteceu no Paraíso Terrestre... Para os antropólogos mais radicais, a imposição de muitos destes hábitos tem provocado sério problema. Quanto às roupas, por exemplo, o tecido, em geral ordinário, se suja com rapidez e não há estoque de reposição nem sabão suficiente. Além disso, quando chove, os caçadores, com as roupas molhadas durante muito tempo sobre o corpo, contraem resfriados que transmitem ao resto da tribo. Ataques de tosse, antes desconhecidos dos índios, são agora fenômeno comum entre os Wai-Wai.

POR outro lado, a introdução de novas *tecnologias*, especialmente o fuzil e o anzol, modificou os hábitos de caça e pesca. Mas é preciso salientar aqui um fato notável: este *avanço tecnológico* não alterou o *comportamento ecológico* do índio que continua caçando e pescando exclusivamente o produto necessário para sua subsistência ou ornamentação.

A Funai demonstra uma séria preocupação com a demarcação das terras dos índios. Célio Horst garante que, quando os Wai-Wai tiverem seus domínios devidamente protegidos, eles poderão arrecadar uma boa receita com a colheita das castanhas de suas terras.

Mas, enquanto estas promessas não se tornam realidade, eles continuam vivendo num regime econômico ditado pelas estações e procuram evitar ao máximo qualquer conflito com os brancos. A nova religião suprimiu seus pajés, seus remédios mágicos, o culto de seus espíritos próprios. Mas o contato continuado com a força da floresta os conserva ainda muito perto de suas verdadeiras raízes. ■

Apesar do esforço de integração dos missionários evangélicos, os Wai-Wai tentam manter os antigos costumes de se enfeitar com pinturas típicas e muitos colares. Eles cultivam também um gosto acentuado pela música.